

CAPÍTULO 8

REFLEXOS DA EVOLUÇÃO DOUTRINÁRIA BRASILEIRA NO PÓS-GUERRA

TC QMB Antonio Cesar **YOUNG** Blood

1. INTRODUÇÃO

a. Desde os primórdios da nacionalidade, a formação e a doutrina da força terrestre brasileira sofreram influências estrangeiras.

b. A arte militar ibérica, incrementada pelas novas técnicas de combate nativa, surpreenderia o poderio holandês no confronto decisivo dos Guararapes, caracterizando a gênese do Exército Brasileiro. A reorganização do Exército Português beneficiaria as forças coloniais pelo advento de oficiais europeus que viriam emprestar sua experiência à tropa luso-brasileira.

c. Num próximo patamar de evolução, no início do século XX, a mentalidade alemã estabeleceria os parâmetros indispensáveis à reorganização da força terrestre, por ocasião da reforma Hermes da Fonseca.

d. As informações obtidas durante a 1ª GM, seriam decisivas para o aprimoramento do ensino militar e para a introdução de meios imprescindíveis ao combate moderno, como a aviação e os blindados.

e. A passagem do sistema militar alemão para a doutrina francesa, após a 1ª Guerra Mundial, implementaria necessidades prementes como a de revisão do planejamento da instrução e o assessoramento cerrado do Estado Maior induzindo uma decisão menos intuitiva do comandante.

f. A participação na 2ª Guerra Mundial influenciou profundamente a Doutrina da Força Terrestre. As dificuldades iniciais enfrentadas foram causadas pela falta de equipamento moderno, deficiência no adestramento e o anacronismo da doutrina francesa. A reabilitação das unidades brasileiras só se verificou plenamente após suas ações ofensivas vitoriosas.

2. REFLEXOS DA EVOLUÇÃO DOUTRINÁRIA BRASILEIRA NO PÓS-GUERRA

a. Aspectos gerais

1) Com o término da guerra e a divisão do mundo em dois blocos ideológicos, o Brasil, coerente com sua herança cultural e sua vocação democrática, fez a opção pelo alinhamento com o bloco ocidental, o que motivou uma aproximação no campo militar que traria reflexo doutrinário. Para o estabelecimento de uma doutrina, estávamos portanto, frente a dois problemas bem distintos: um de natureza intercontinental, outro regional.

2) Logo após o término da 2ª Guerra Mundial, o Coronel Castelo Branco, Chefe de Operações da Divisão Expedicionária Brasileira, acompanhado de um grupo de oficiais, assumiu, em 1946, a função de Diretor de Ensino da Escola de Estado-Maior. Possuidor de grandes conhecimentos da História Militar e experiência de guerra, inicia naquela escola, uma fase de intenso trabalho, quando foram elaborados documentos doutrinários que se disseminaram por todo o Exército, como o Regulamento de Operações e o Manual de Estado-Maior e Ordens (C 101-5 Estado-Maior e Ordens, 1ª Edição 1952).

3) Procurou-se então, com base na doutrina norte-americana empregada na 2ª Guerra Mundial, sistematizar a nossa nova doutrina, sempre preocupando-se com as adaptações necessárias ao caso brasileiro. Não poderia ser aceito a tradução literal dos regulamentos norte-americanos, o temperamento brasileiro exigia adaptações próprias.

b. Trabalho de Comando

O esquema de desenvolvimento do Trabalho de Comando preconizava uma idéia geral de operações e um conceito de responsabilidade integral e intransferível do comandante. O método de raciocínio e a seqüência dos estudos deviam basear-se na capacidade prática e no senso psicológico dos oficiais de estado-maior, através de Estudo de Situação, orientados pela idéia geral do comandante.

c. Organização

1) A organização do Exército no pós-guerra não estava à altura da época e, sobretudo, das necessidades da evolução. Os reflexos da doutrina ofensiva norte-americana, ministrada à FEB, contribuíram para a reformulação organizacional e doutrinária do Exército.

2) A ausência do Estado Maior das Forças Armadas, durante a 2ª Guerra Mundial, dificultou o planejamento e a coordenação das três Forças. As operações combinadas praticadas influenciaram a organização das Forças Armadas Brasileiras e a criação, em 1946, do Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA), e da Secretaria do Conselho de Segurança Nacional, dois órgãos oriundos do após-guerra, diretamente ligados ao Presidente da República, competindo-lhes, respectivamente, o trato de todas as questões ligadas à segurança nacional e ao emprego conjunto das três Forças.

3) O Acordo de Assistência Militar Brasil – EUA, consolidaria a nova doutrina, mais dinâmica e objetiva que a francesa. Mais tarde, a não renovação desse acordo liberaria a criatividade e o estudo de novas formas doutrinária, adequadas às peculiaridades brasileiras.

4) Durante a guerra, as Forças Armadas brasileiras se desenvolveram bastante e se modernizaram, triplicando os efetivos do Exército. Ao encerrar-se o conflito, porém, começaram a perder, progressivamente, partes dos seus efetivos em praças, desnecessárias, na ocasião, para crescerem os quadros de oficiais. A idéia era proporcionar melhor infra-estrutura, indispensável ao enquadramento e à expansão futura do todo.

5) Sobre o processo de recrutamento podemos verificar as seguintes alterações:

a) Quanto ao valor dos contingentes – passou-se a admitir, homens de nível educacional e cultural superior, porquanto, diante da modernidade da guerra, já não era mais possível receber analfabetos, como se vinha fazendo no Exército.

b) Quanto ao processo de seleção - novos processos de seleção foram adotados, procurando-se responder às exigências técnico-profissionais das unidades. A seleção, antes feita em bases empíricas e rudimentares, passou a obedecer a métodos científicos, orientando-se os indivíduos de conformidade com as suas verdadeiras aptidões e possibilidades, evitando-se os desajustamentos e as frustrações subsequentes.

6) No setor da logística a evolução foi muito grande, não havendo hoje organização que não esteja devidamente aparelhada para atender às necessidades das Forças, outrora dependentes de uma máquina obsoleta e de processos administrativos pouco eficientes, caracterizado por uma excessiva centralização de poderes.

7) Alguns fatos importantes ocorridos no final da década de 40 e década de 50:

- a) Criação da Escola de Pára-quedismo e organização do Núcleo da divisão Aeroterrestre;
- b) Criação da Escola Superior de Guerra, com a finalidade de desenvolver e consolidar os conhecimentos necessários para o desempenho de funções de planejamento e direção de Segurança Nacional;
- c) Criação da Arma de Comunicações;
- d) Reorganização da força terrestre à base de Brigadas como Grande Unidades integrantes em numero variável das Divisões de Exército;
- e) Criação do Quadro de Material Bélico (4 de novembro de 1959);

—

8) No final dos anos 60, evidenciou-se a necessidade de organização de Brigadas Motorizadas, Mecanizadas e Blindadas, sendo adquiridos: CCM41 A3 e VBTP M113.

d. Equipamento

1) Sob o aspecto equipamento, a renovação foi geral, sendo os armamentos e equipamentos quase totalmente substituídos por novos tipos, dos mais modernos existentes na época, alguns dos quais usados pela primeira vez entre nós, destacando-se os carros de combate, os canhões anticarro e antiaéreos, os radares, os sonares, os detetores de minas e as bombas de gasolina gelatinosa.

2) A Motorização predominou no Exército, que viu a substituição dos animais por viaturas automóveis de todos os tipos. A Cavalaria sofreu duramente esta influência, surgindo ao lado das unidades a cavalo, as mecanizadas e blindadas, culminando as reformas, no Exército, com a motorização das unidades de Infantaria, a criação de uma Divisão Blindada e um Núcleo de Divisão Aeroterrestre. Alguns equipamentos adquiridos: CC Sherman, VBTP Scout – Car e Half – Track.

3) Os uniformes sofreram modificações, tendo sido parcialmente abolido no Exército, o uso de talabartes, das botas, das esporas e do boné armado, surgindo novos tipos de fardamentos, mais adequados ao clima e à prática dos exercícios no campo inspirados nos tipos norte-americanos.

4) No final da década de 60, com surgimento da situação de guerra revolucionária, unidades em áreas críticas foram dotadas com material e equipamento específico, a fim de desempenharem com êxito missões no campo da Segurança Interna.

e. Instrução

1) Vivíamos uma época de apatia rotineira, de sorte que a influência norte americana deu essa sensação de coisa nova e inédita. As influências no ensino, porém, aparentemente revolucionárias, tiveram apenas o mérito de generalizá-lo e sistematizá-lo.

2) O método pedagógico adotado anteriormente, colocava uma respeitável distância entre instrutores e instruendos, ressaltando a infalibilidade do instrutor e a inexperiência do aluno. Em cada trabalho, o instrutor procurava evidenciar mais os atributos personalistas e singulares de comando, do que exercitar a prática de estado-maior.

3) A instrução variava de unidade para unidade, apesar das diretrizes e programas fixando normas e etapas a atingir, fato este devido tanto ao ecletismo dos quadros de instrutores quanto à pobreza e à diversidade dos meios. No pós-guerra, porém, processou-se dentro de normas mais uniformes, mediante uma padronização mais rígida de programas e métodos, fato este que muito contribuiu para nivelar e sistematizar os conhecimentos, embora seja, de algum modo, prejudicial ao desenvolvimento da imaginação, que tanto nos dá forças para superar nossas deficiências.

4) Com a generalização do ensino, os quadros e as tropas tornaram-se mais homogêneas e capazes, sem os desníveis anteriores, fazendo desaparecer, pouco a pouco, aqueles pequenos grupos de intelectuais, e com eles o individualismo, que constituíam verdadeiros redutos de cultura dentro das organizações.

5) Havia uma grande variedade na formulação dos documentos, conforme os cursos, as armas e até as pessoas dos instrutores, demonstrando falhas na coordenação.

6) Os assuntos de Mobilização, Logística e Serviço e Estado-Maior tinham um desenvolvimento muito restrito. Não se falava em guerra revolucionária. O emprego de mecanizados e blindados era estudado superfluamente, como auxílios complementares da infantaria e cavalaria.

7) O nível intelectual dos militares também se elevou, havendo grande interesse pelas questões técnico-científicas e pelas pesquisas correspondentes, graças à ampliação das escolas e aos grandes melhoramentos nelas introduzidos.

8) A especialização deixou, igualmente, o seu traço marcante. Antes limitada a alguns setores, passou a dominar todas as atividades militares, quer das praças, quer dos oficiais, tornando-os menos ecléticos e acadêmicos.

9) Com a dificuldade de realização de exercícios em Centros de Instrução, por serem muito onerosos, foi sugerida a criação de Cursos por correspondência para oficiais, certos especialistas e graduados a fim de mantê-los em dia tanto com respeito à evolução e ao progresso da ciência e da técnica, como dos processos de combate, dos sistemas logísticos e dos trabalhos de estado-maior, que se modificavam constantemente.

10) Outra modificação no ensino - a orientação do ensino ainda continuava muito presa às ciências abstratas, procurou-se então, dar-se mais atenção aos assuntos ligados à Sociologia, à Psicologia e à Pedagogia indispensáveis à formação de instrutores, chefes e líderes em todos os níveis da hierarquia.

11) O Acordo de Assistência Militar entre o Brasil e os Estados Unidos, firmado em 1952, estabeleceu um novo marco na evolução doutrinária do Exército, que proporcionou o fornecimento de equipamentos, serviços e assistência militar durante certo período.

12) Uma nova lei de ensino abrangeria toda a estrutura de formação e aperfeiçoamento do Exército Brasileiro, com a AMAN, a ECEME e a EsAO absorvendo a concepção moderna da guerra, tornando-se propulsora da nova doutrina militar.

13) No final da década de 50 ocorrem grandes manobras no terreno e na carta, em busca da operacionalidade nos diversos ambientes operacionais. Com o avanço comunista na América, promovido particularmente por Cuba e com desencadeamento da guerrilha urbana e rural, surgiram os conceitos de Segurança Interna e Guerra Revolucionária. Como consequência, na década de 60, surge a instrução de Guerra Revolucionária.

f. Emprego

1) Com respeito às doutrinas de emprego, foram abandonados os velhos conceitos defensivos franceses, em troca das normas ofensivas norte-americanas.

2) Alguns aspectos doutrinários foram sistematizados, tais como:

- tipos de ações da força terrestre: defensiva e ofensiva
- tipos de manobra ofensiva: tática e estratégica
- tipos de manobra defensiva: tática e estratégica.
- manobras ofensivas táticas: penetração, ala e desbordamento
- manobras ofensivas estratégicas: ruptura, ala e envolvimento
- Idéia de combate contra forças irregulares
- apoio logístico toma importância

3) No programa de ensino que adotou a ECEME, surgiu, além das operações clássicas da ofensiva e da defensiva, um tipo especial de operações de grande rapidez e mobilidade, comportando várias atitudes, em largos espaços e com amplos deslocamentos. Os temas, para esses estudos, eram intitulados de “ Operações Diversas “. Entretanto, deve-se levar em conta que a situação operacional e o terreno da Campanha da Itália dificultou a manobra de flanco e condicionou nossa mentalidade em optar pelas ações frontais, tendência verificada até pouco tempo.

4) Com respeito ao emprego das armas convencionais, nenhum mistério ou dificuldade nos causou, pois a doutrina que as rege era perfeitamente do nosso domínio.

5) Com a possibilidade crescente da evolução da guerra nuclear, imaginava-se que a guerra convencional tendia a sucumbir. Diante da impossibilidade de adotarmos uma doutrina para a guerra nuclear, optou-se por desfazermos dos velhos materiais, na medida das nossas possibilidades, em proveito de novos sistemas e equipamentos, que nos servissem, pelo menos, de normas e instrumentos de aprendizagem. Devíamos estar preparados tanto para uma guerra continental, quanto para uma guerra extracontinental.

3. CONCLUSÃO

1) Em 1977, o acordo com os EUA era concluído pelo Governo brasileiro, que considerou atingidos os objetivos a que se propunha, redimensionando os rumos estratégicos nos moldes de alguns países europeus integrantes da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Seria a base propulsora do Projeto Força Terrestre (FT-90), contendo reestruturação de pessoal e equipamento, guerra eletrônica, aviação, informatização, etc. A FT-90 seria equipada à base de produtos nacionais, livres da vulnerabilidade do fornecimento externo, passo decisivo e indispensável para a potencialidade de um Exército previsto pelo Projeto FT-2015

2) Mercê do conceito conquistado junto aos organismos internacionais, de 1957 a 1967, o Exército participou de missões ligadas à paz mundial, integrando a Força de Emergência das Nações Unidas, em Suez, e o Destacamento Brasileiro da Força Armada Internacional, em São Domingos.

BIBLIOGRAFIA

RUAS SANTOS, Cel Francisco. *Marechal Castelo Branco, Seu Pensamento Militar*. Rio de Janeiro RJ, ECEME, SGeEx, Imprensa do Exército, 1968.

CASTELO BRANCO, TC Manoel Thomaz. *O Brasil na Segunda Grande Guerra*. Rio de Janeiro RJ, BIBLIEX, 1960.

MEIRA MATTOS, Carlos de. *Castelo Branco e a Revolução*. Rio de Janeiro RJ. BIBLIEX, 1994.

Manuais Militares

- Estado Maior e Ordens, C101-5, 1ª edição, 1952.
- Operações, IP 100-5, 1ª edição, 1970

Texto extraído de Apostila Acadêmica da Disciplina História Militar da AMAN- cd História militar 2008.